

UMA QUESTÃO GLOTOLOGICA¹

Manuel Pacheco da Silva Júnior

São ainda muitos os pontos da nossa língua que ou não estão de todo estudados, ou carecem de ilustração.

As nossas gramáticas limitam-se – com mui raras exceções – a apresentar regras tradicionais e constituem verdadeiros anacronismos; nenhuma trata das questões pelas várias faces da filologia, da história e da comparação.

Um desses pontos, e que mais tem sido controvertido, é o da função do *se* junto aos verbos ativos e neutros, e da legalidade ou autenticidade dos seus títulos avoengos, as linhas donde descende e as qualidades que se alheiam.

Não nos referiremos diretamente a nenhum dos senhores professores que o discutiram pela imprensa: diremos apenas sem alardo o que pensamos sobre o assunto, resumindo o que daria um volume à brevidade de um só artigo.

Entrando na matéria, vejamos primeiro o que é esse *se*, que uns consideram partícula ou enclítica; outros, pronome indefinito ou conjuntivo; e alguns ainda – reflexivo.

Em nossa opinião, e em qualquer das hipóteses apresentadas (*João feriu-se, alugam-se casas, vive-se com pouco, come-se bem neste hotel, diz-se que Francisco é prudente*, etc.), o *se* é um pronome reflexivo, derivado do acusativo do pronome latino *sui, sibi, se*, de sentido indeterminado entre os romanos e que tira origem no pronome pessoal (sem gêneros) da língua mãe indo-europeia – *sva*, pracrítico *sè* (=hujus) = *asé* =antigo indiano *d-sja*, e cujos números também se confundiam na mesma flexão².

Na voz média latina o *se*, que se juntava aos verbos na voz ativa, atrofiou-se em *s*, sendo muito de notar que esta sibilante adotada nas línguas indo-europeias

² Por isso alguns latinistas consideram o reflexo = suplemento dos pronomes pessoais. Desde já advirto não sou dos *alatinadores* da nossa língua, posto esteja firmemente convencido é ela filha da latina e irmã *gêmea* da espanhola. Gosto, porém, da pureza no falar, sem todavia ser cioso estremenho.

como reflexivo impessoal, corresponde ao antigo batriano³ – *gha, hva* (=suus).

E a forma reflexa, crescendo em importância, obliterou por fim a do passivo orgânico.

Em sânscrito a voz média também servia de passiva; o médio latino, que era idêntico também servia de passiva; o médio latino, que era idêntico ao passivo ou deponente (*delectari, pasci...*) também podia ser expresso pelo ativo seguido do pronome reflexo (*se delectare, se abstinere...*), e esta última forma foi a preferida pelas línguas modernas⁴.

Escusado era acrescentar que os deponentes eram peculiares à classe dos verbos de forma passiva, mas de significação ativa (*fateor, sequor, morior, mentior...*), e que alguns passivos tornavam-se deponentes só por sua significação reflexa (*pascor, versor, vescor...*); o que leva a acreditar formavam os latinos a sua *verba media*, de acordo com a língua grega.

É preciso atentar em que o pronome reflexivo exprime não só uma ação que recai no sujeito que a exercita, mas também “uma atividade interna produzida no sujeito” (*acordar-se, acabar-se, findar-se* no sentido de morrer...; fr. *s’endormir, s’éveiller*; ita. *addormentarsi*; esp. *despertarse*; prov. *s’adormir*).

Ainda há mais. Os latinos não usavam o pronome da 3.^a pessoa em referência ao nominativo do verbo; omitiam-no ou representavam-no por um substantivo, e quando queriam empregar um pronome serviam-se de *sui*: *Alexander dissebat se Jovis filium* = *Alexandre dizia que ele era filho de Jove*, ou *Alexandre dizia-se filho de Jove*.

O processo, pois, de apassivar os verbos, juntando-lhes *se* às 3.^{as} pessoas e ao infinitivo impessoal dos verbos, já era conhecido dos romanos. A forma passiva primitiva era *amo-se, amarem-se*, etc., que, pelo rotacismo, mudança característica no latim e nos dialetos escandinavos, converteu-se em *amore* donde *amor*.

Exemplifiquemos: *amo-se* = amor; *amasi-se*, ant. *amasi* = *amari*; *amat-u-se* = *amatur*; *amamus-u-se* (amamurure) = *amatur*; *amatis-se* = *amater-is* (amamini); *amant-u-se* = *amantur...*; e assim nos outros tempos: *amabam-se*, *amabar*; *amem-se*, *amer*; *ama-se*, *amare*; *amato-se*, *amator*, etc.

³ [Nota do editor] O autor refere-se ao *batriano* ou *bactriano*, língua indo-europeia extinta, pertencente ao grupo iraniano oriental. Como se sabe, o estudo das línguas indo-europeias antigas era uma das atividades de pesquisa mais proeminentes no cenário dos Oitocentos].

⁴ De feito, a forma verbal passiva nunca foi primitiva; mas lembrarei que a voz média, o *âtmanêpada* sânscrito, é tão primitiva quanto a ativa. A passiva é-lhes muito posterior e derivada, e do estado histórico das suas formas se infere esta verdade.

Curtius (*Erläuterung zu meiner Griechischen gramm.*)⁵ é também de opinião que *amamu-se* (*amamu-r*) deriva-se diretamente de *amamu* = *amamus* e de *se*. O *r* dos infinitos latinos tira pois origem em um *s*, e é – como o demonstrou Corssen (*Ueber Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprachen*)⁶, idêntico ao sufixo ariano *-as*. Assim, *da-r-īe-r* e *da-s-ī* são formas arcaicas; *dá-s-ia-se*, *da-s-ie-se*, *dá-s-ie-s*, formas antigas, sendo *da-r-ī* a clássica.

A forma média vazou-se no molde indiano, batriano, grego e gótico; e esse foi também o tipo adotado pelos dialetos italianos, pelo celta, eslavo, lituano. As suas desinências compõem-se de uma forma antiga e completa do ativo prefixada ao acusativo singular do tema pronominal reflexo⁷.

O valáquio⁸ também emprega, para substituir a perífrase da passiva, o acusativo como forma reflexa; mas no búlgaro, e ainda no eslavo, o pronome representa todas as pessoas: *-fálê su* = eu me louvo ou sou louvado.

Nos dialetos escandinavos⁹ o pronome reflexivo *sik* (=latim *se*) também – junto aos verbos – formava um sufixo reflexo. *Sk*, contração do acusativo *sik*, transformou-se mais tarde em *st* e servia para apassivar os verbos. E é assim que *at fallask* tanto corresponde à forma passiva como à pronominal.

O aria primitivo, a língua fundamental¹⁰, formava a voz média, para nos servirmos das próprias palavras de um afamado glotólogo italiano¹¹: “aggiungendo a temi speciale nelle simple persone suffisse costituiti di temi pronomiale corrispondente alle medesime raddoppiati, ossia adoperati una volta como

⁵ [Nota do editor] Curtius, Georg. **Erläuterungen zu meiner griechischen Schulgrammatik**. Prague: F. Tempsky, 1863.

⁶ [Nota do editor] Corssen, W. **Assprache, Vokalismus und Betonung der Lateinischen Sprache**; erster band. Leipzig: Druck und Verlag von B. G. Teubner, 1868.

⁷ Consulte-se mais Schleicher – *Compendium*; Zeuss – *gramm. Céltica*; Bopp – *Gramm. der I. Germ. Sprachen*; Miklosich – *Vergleichende Gramm. der Slavischen Sprachen*; Wanowski – *Antiquitates Romane a graecis fontibus explicatae*; Meyer, Kruger, etc.

⁸ [Notado do editor: antiga denominação do romeno].

⁹ [Nota do editor] No original, *escandinavicos*.

¹⁰ [Nota do editor] Também denominado proto-ariano, ramo linguístico indo-europeu que terá dado origem às línguas indo-áricas e às línguas iranianas.

¹¹ [Nota do editor] Trata-se de Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907). A citação encontra-se em Ascoli, G. I. *Studi ario-semitici. Memorie del Reale Istituto Lombardo di Scienze e Lettere. Classi di Lettere II*. Milano: *Istituto Lombardo Accademia di Scienze e Lettere*. v.10 p. 1-36, 1867,

soggetti, un'altra como oggetti”¹².

Resumindo quanto havemos dito, temos: que o grego, com exceção do aoristo 1.º e do futuro, exprimia o sentido passivo e médio pela mesma forma (λύομαι); que o latim possuía desinências correspondentes às gregas - μαι, -σαι, -ται; que os elementos dessas locuções perifrásticas latinas fundiram-se por fim em uma só palavra, formaram um simples sinal unitário, e daí mui regularmente as transformações de *amo-se* em *amor*, etc.; que, tendo de referir-se a um nominativo, os latinos empregavam o ablativo do reflexivo *sui* e não as terceiras pessoas do pronome pessoal; que as expressões *acabaram-se as lutas* e *acabou-se a luta*, etc.; ita: *il libro non si trova e i libri non si trovano*¹³, etc., são forçosamente pessoais, e os verbos por serem transitivos devem concordar em número com o sujeito¹⁴.

¹² Foi Bopp o primeiro que apresentou esta opinião, com a qual são acordes Kühn e Curtius. Combateu-a Misteli, tendo por fim de ceder ante os argumentos de Fr. Müller.

¹³ [Nota do editor] No original, *il libri*, por erro óbvio.

¹⁴ Neste ponto, é verdade, muito nos afastamos do *dizer* de Portugal, e as mais das vezes (cumpre acrescentar) caindo em erro. O bom português diria – *é antigo fazerem-se cousas contra a razão*, nós dizemos – *fazer-se*, etc. Sei que no português falado no Brasil são inevitáveis as desviações no modo de dizer, mas cumpre aos seus homens de letras conservar-lhe o mais possível a antiga pureza, e não favorecer a corrupção das palavras, da sintaxe, do gosto. Não sou puritano no escrever, mas entendo é nosso dever falar e escrever português estreme, o que não quer dizer rejeitemos os neologismos necessários, e os brasileirismos que não venham enxovalhar nosso belo idioma. A frase excertada de um trabalho do finado Visconde de Castilho “*este tratado serve para se aprenderem a fazer versos*” não é hoje para ser seguida, mas é exemplada nos antigos clássicos. Errada embora, serviria ela apenas para provar que o *quando que bonus dormitat* até aos Homeros se aplica. [Nota do editor] O autor refere-se a António Feliciano de Castilho (1800-1875). O trecho citado está no subtítulo de seu **Tractado de metrificacão portugueza** para em pouco tempo, e até sem mestre, se aprenderem a fazer verbos de todas as medidas e composições. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. Como se percebe, o texto original de Castilho é bem distinto da citação do autor. Mas venhamos ao João de Barros, que, no parecer de um distinto escritor nosso, é o autor que melhor nos deve servir de guia, porque a sua linguagem muito se coaduna com o nosso modo de falar. Escreveu ele: “E como nas terras novamente descobertas...primeiro *se nota* pelos mareantes que as descobrem *os perigos* do mar”, mas aqui a razão parece-me ser outra, e o Tito Lívio português teria dito “nestas terras notam-se os perigos do mar”, ele que escreveu: “e permitiu Deus que não foram os perigos que passaram tão grandes como foram os medos e dificuldades que no Conselho *se puseram*” (Dec. IV, Liv. 1.º, Cap. II). Demais, repito o que por vezes hei dito: os clássicos nem sempre são guias seguros, e as línguas têm também seu caminhar incessante, a sua evolução natural. Quem entre nós escreveria com o mesmo João de Barros: “E permitiu Deus que não *foram* os perigos tão grandes...”; “Mandou concertar três (batéis) com artilharia bem ordenada, e em cada um pôs cem homens para que de uma chegada à terra *lançarem* trezentos

Que nos importa os séculos a intervalar as épocas? Γέγεται, *dicesi, se dice, diz-se, se dit*, são exemplos da forma passiva expressa pela média.¹⁵

Ainda é de notar que - à semelhança das línguas antigas – o português e espanhol exprimem pela 3.^a pessoa do plural da ativa a mesma pessoa da passiva: - λέγοντι = λέγεται, *dicunt = dicitur, dicono = se disse, dizem = diz-se (dizem ou diz-se que a vida é exílio breve)*.

E não são aquelas expressões sintaticamente idênticas? Certo que sim.

Bem, dirão os nosso gramáticos, concordamos em que com os verbos transitivos assim seja; que as frases *alugam-se casas, diz-se que o Brasil é um país ubérrimo, &c.*, equivalem a *casas são alugadas, é dito que o Brasil é país ubérrimo, etc.*¹⁶, e representam uma herança materna; que em latim o *r* corresponde a um *s*, com significação reflexa ou representando o verbo *esse*. Mas com os verbos neutros¹⁷?

É aqui que mais bate o ponto.

Qual a história do pronome *se* português nas frases: *vive-se, dorme-se, etc.*?

Afirmam quase todos os filólogos portugueses e brasileiros que neste caso o pronome é indefinito e sujeito real do verbo. Para comprovar o asserto recorrem à análise e repetem mais ou menos o que ultimamente escreveu um excelente professor¹⁸: “Quem quiser analisar semelhantes orações pela passiva há de formar orações sem sujeito ou inventar ações que não têm agente que as pratique”. Nenhum gramático, porém, foi além; nenhum estudou e discutiu o assunto à luz da história.

Perderíamos de todo ponto a razão desta anomalia da nossa língua?

Historiemos.

homens...”; “Os próprios capitães...certas festas do ano haviam-se de apresentar ante El-Rei para pessoalmente *ir fazer* este saíma...”; “Começaram logo descer o rio... etc.”? Camões também escreveu: *se soa os grandes feitos*.

¹⁵ O francês tem as duas formas *on dit* e *se dit*; esta última emprega-se de preferência quando se trata de cousas inanimadas ou ideias abstratas, e o verbo pode concordar em número com o sujeito (*tous les deux se dissent*).

¹⁶ E dizemos – *é sabido que ele morreu* ou *sabe-se...* (cp. ing. – *it is said* (a par de *man* ou *one says, people* ou *they say*).

¹⁷ [Nota do editor] O autor serve-se aqui da metalinguagem típica da descrição do verbo em latim.

¹⁸ [Nota do editor] Trata-se de Antônio Zeferino Cândido (1848-1912), professor do Colégio São Pedro de Alcântara, situado no Rio de Janeiro. O trecho citado encontra-se em Cândido, Antonio Zeferino. Questões de linguística. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. av., p. 2, 21 ago. 1881.

De feito, o *se* (idêntico na forma ao latim, italiano, espanhol e provençal) corresponde naqueles exemplos ao francês *on* (fr. ant. *hom*, *on* = lat. *homo*): *on dit*; ao alemão *man* (contração de *mann* = homem): *man greaf*, *man says*, *man sieger*; provençal *l'om*.

Vê-se, pois, que em todas estas línguas o pronome indeterminado ou indefinito significa propriamente *homem*; no italiano, valáquio e português (ainda nos séculos XV e XVI) empregava-se também este substantivo como pronome indefinito, e nos mesmos casos em que hoje empregamos o pronome *se*: it. *dove uom s'affibia l'manto* (Dante), *per chiamar ch'uom faccia* (Petrarca), *come uom disse* (Rocc); val. *de este omul beteag* – quando o homem (=se) está doente; português *homem não sabe como se valha contra a calúnia* (Barros), *homem não pode jurar por ninguém* (Ferr.) *segredos que homem não conhece* (Camões), *anda homem a trote para ganhar capote* (na. Pop), etc.

Era este modo de falar mui frequente em Portugal, mas hoje, tanto lá como cá, o povo, que ainda rejeita a forma passivo-reflexa, substituiu a palavra *homem* pela palavra *gente*: *a gente não sabe o que há de fazer* (cp. ing. *people*).

Ainda há mais. No saxônio o pronome *man* = eles (*man ofsloch* = *eles mataram*), e assim, p. ex., a frase *mataram 20 bois* = eles (indeterminados) *mataram 20 bois* (cp. ing. mod. *they*).

Venhamos, porém, ao ponto mais de notar, mui principalmente para os que propugnam pela ideia de que o *se* deve ser sujeito do verbo, sem todavia lhe descobrirem a origem pronominal para mais terem jus de ser cridos.

Como de um ablativo latino nos veio esse pronome indefinito sujeito? Esta pergunta ouvimo-la nós muitíssimas vezes.

O fato, porém, não é novo no terreno da glotologia.

No arraiar do século XII o inglês antigo empregava o caso objetivo *me* do pronome da 1.^a pessoa sing. como pronome indefinito (nominativo), correspondente a *man* e *one*¹⁹. E se em inglês usavam dessa forma como pron. indef. (nominativo), que muito que o português, e com mais cabimento, substituísse a palavra *homem* pelo acusativo de um pronome da 3.^a pessoa de sentido indeterminado?

Mas não param aqui estas anomalias no falar. Os nossos antigos empregavam o genitivo *cujo* (adj. conj. poss.) como nominativo, no sentido de *dono* (*sou cujo de quanto tens*; *o meu cujo*, i.e., *o meu homem, marido...*), e o numeral *um* pleonasticamente, significando *alguém*, *um certo*, correspondendo perfeitamente

¹⁹ E ainda hoje, na linguagem vulgar, usa-se o objetivo pelo nominativo: -What are you doing? - Me?

ao atual *se*: *Por mais que resplandeça um em virtudes* (cp. inglês *one*). Este último caso já se nota em latim, em que *unum* correspondia às vezes a *quidam*.

Só no século XVI é que o emprego do *se* começou a obliterar esses modos de dizer, e a ser empregado (como o *on* francês) *quando o sujeito era abstrato e exprimia pluralidade indeterminada*.

Pode-se, pois, considerar o *se*, à vista do que vimos de expor, pronome indefinito e sujeito do verbo em frases como: *aos 20 anos vive-se de amor; dorme-se melhor no inverno; come-se bem naquela hospedaria?*

Era esse o nosso parecer, que estribávamos em razões tiradas do estudo da gramática comparada, e no das várias fases da língua. Esse estudo fizemo-lo com sumo gosto e aturamento, mas...o Brasil é um país essencialmente agrícola. Para que algum malicioso não retrinque estas últimas palavras, já daqui vamos bradando *honi soit qui mal y pense*, e célere volvemos ao assunto deste artigo.

Prosseguindo nos estudos da glotologia, descobriu-nos ela origem mais autêntica das formas neutro-passivas; dessas expressões impessoais construídas com o pronome *se*, quer com os verbos transitivos (ita. *si disse, si crede*; esp. *se disse, se cree*; val. *se cread*; por. *diz-se, crê-se*)²⁰; quer com verbos intransitivos (ita. *si va, si vienne*; esp. *se anda, se viene*; val. *se mearge, se viene*; por. *vai-se, anda-se*), o que tanto tem feito quebrar a cabeça aos gramáticos²¹.

De verbos neutros com forma passiva encontram-se frequentes exemplos no latim, não só nas formas do infinito, 3.^a pes. do sing. (*stari jubet, ventum est, itum est – itur*), em que o verbo se torna impessoal, senão também na linguagem usada pelos cômicos: - *Quid agitur? - Statur* ou *vivitur*²².

Cumpra advertir que o emprego das formas *itur, vivitur, curritur*..., tão usuais no latim popular, já sofria reparo dos gramáticos daqueles tempos, que as verberavam.

Elas, porém, de passivas só têm a forma; sua origem explica-se pelo simples princípio da analogia, e para os que abraçam esta opinião, o *se* será sempre um pronome reflexivo. E os pronomes reflexos não podem ser sujeitos.

²⁰ É este o caso do acusativo do objeto regido pelos verbos *dicere, tradere, credere, jubere, prohibere, scribere*, etc. em que o acusativo torna-se nominativo principalmente quando o sujeito do verbo é indefinito: *dicunt me virum probum esse, dicor vir probus esse*.

²¹ Cp. ainda: ita. *Venirsi, andarsi, già mi vivea Felice* (Ariosto); esp. *andarse, irse, morirse*; pro. *se morrer, se pensar, se taisser*; fra. *s'en alter, se taire*; baixo lat. *se taceant*. O antigo alemão, conforme se lê em Diez (*Grammatik der Rom. Sprachen*) também tinha formas correspondentes às hodiernas: *Ich stand mir, er sass sich*, etc.

²² E os vários empregos de *insinuare, laxare, lavare, movere*... e *lector, crucior, labor, fallor, moveor*, etc?

Manuseei os nossos antigos monumentos literários e encontrareis mais crescido número de verbos neutros com forma passiva: *Ela se morreu; a avezinha se caiu* (Bern. Rib.), vestígios do que se praticava no latim com os verbos mistos (*semideponentia, neutro-passivo*).

Escreveu o ilustre professor a que acima nos referimos que: “a ser seguida uma única análise, será a da forma ativa e nunca a da forma passiva, que em alguns casos não pode existir”²³. Já dissemos que esses verbos de passivos só têm a forma, agora observaremos que *ceno, prandeo, poto...faziam cenatus sum, pransus sum, potus sum...*, e ainda hoje dizemos *estou jantado, ceado, bem dormido*.

As frases *come-se bem neste hotel, vive-se com pouco nesta terra*, são, pois, formas analógicas.

E quem ousará negar a influência analógica na formação e no desenvolvimento das línguas?

Fechamos este rápido escrito, cedendo a palavra ao distinto professor de literatura oriental da Escola Normal de Liège:

Dans la bouche du peuple la même forme, le même mot reçoivent insensiblement plusieurs significations à cause de leur ressemblance: supposons la forme des verbes actifs à la 3^{me} pers. Du passif généralement employée dans une langue pour représenter l’attribut comme un effet, de manière que *videtur, dicitur*, etc., signifient *il est vu, il est dit* ou *il se voit, il se dit* ou *on voit, on dit*, etc.; pourquoi dès lors les mêmes expressions ne s’emploieraient-elles par pour signifier que l’action de *voir*, de *dire*, a lieu, existe, le sens étant absolument le même?

Par un usage²⁴ fréquent dans ce dernier sens, il arrivera que le peuple s’attachera à la termination *tur* le sens *d’avoir lieu, d’exister*, et il ajoutera cette même termination à la racine des verbes neutres pour indiquer que l’état exprime par ces verbes *existe, a lieu*.

Ainsi *statur, quiescitur*, etc. malgré leur forme passive, restent de véritables verbes neutres.²⁵

Não asseguramos estar no certo, ter dado no ponto; mas acreditamos que

²³ [Nota do editor]: O trecho citado encontra-se em Cândido, Antonio Zeferino. Questões de linguística. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, n. av., p. 2, 21 ago. 1881,

²⁴ [Nota do editor] No original de Burggraff, “par leur usage”.

²⁵ [Nota do Editor] O trecho citado por Pacheco da Silva Júnior está em Burggraff, Pierre. **Principes de grammaire générale** ou exposition raisonnée des éléments du langage. Liège: Imprimerie de Dessais, 1863, p. 360.

estas breves considerações podem dar mais luz à discussão travada entre tantos e tão abalizados escritores, cuja competência muito reconhecemos.